

THOMÉ PINHEIRO DA VEIGA
(TURPIN)

Fastigimã



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Fastigímia
2.^a edição, sobre fac-símile da edição de 1911
da Biblioteca Pública Municipal do Porto

Autor: Thomé Pinheiro da Veiga (Turpin)

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Tiragem: 500 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1642-0

Depósito legal: 301426/09

PREFÁCIO

Em 1911, Sampaio Bruno dava à estampa, na «Collecção de manuscriptos ineditos agora dados à estampa III», a Fastigimia¹, de Thomé Pinheiro da Veiga (Turpin).

A Biblioteca Municipal do Porto contribuía, deste modo, e prosseguia assim a obra de revelação de textos com interesse para a cultura portuguesa. Trata-se, fundamentalmente, de um relato de viagem, feito pelo Autor em 1605, de Valhadolide para Lisboa.

O número de cópias manuscritas testemunha da circulação da obra, atestando simultaneamente o seu interesse. Deve, aliás, ter sido o interesse dos leitores a causa da existência de numerosos manuscritos da Fastigimia em muitas bibliotecas portuguesas e do estrangeiro.

Sampaio Bruno dá a entender que, a fiarmo-nos nas indicações de Barbosa Machado, se deveria crer que a Fastigimia teria chegado a ver a luz da publicação. Inocêncio, porém, julga que a obra terá ficado manuscrita.

Sampaio Bruno alude no prefácio a um manuscrito da Fastigimia na Biblioteca da Academia das Ciências, onde ainda hoje se conserva.

¹ *Fastigimia* parece título errado; *Fastigina*, derivado de *fastos geniais*, afigura-se título mais adequado.

Cita a seguir dois manuscritos da Biblioteca Municipal do Porto, que ainda lá se encontram, e dá notícia de uma cópia que o editor portuense António Rodrigues da Cruz Coutinho pensou editar.

Sampaio Bruno faz menção das diferenças entre os vários manuscritos que compulsou e, na intenção de apurar o texto, colocou no final da sua edição «Variantes e aditamentos».

A propósito da descrição da cidade de Valhadolide e dos festejos que ali se realizaram, faz Sampaio Bruno menção de um manuscrito do Museu Britânico, que foi publicado na Revista de España, números de 25 de Abril, 25 de Maio, 10 e 25 de Junho e 10 de Julho de 1884. O manuscrito tinha o título de Memórias de Valladolid. Manuscritos vários da Fastiginia: na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Nacional de Paris, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na Biblioteca Pública de Évora, etc. Sampaio Bruno refere uma cópia sua, «amarelentada e poída», que lhe serviu para a edição. Procurei, aliás, em vão, na Biblioteca Municipal do Porto esta cópia que serviu de base à edição da obra de Tomé Pinheiro da Veiga — Fastigimia ou Fastos Geneaes, etc. — da responsabilidade de Sampaio Bruno. Das quatro cópias que usou apenas as duas da Biblioteca Municipal do Porto lá se encontram. O facto de serem em grande número as cópias da Fastiginia, e de desigual valor, obrigará a um cotejo acurado que viabilize uma edição crítica. Por ora, a reprodução da edição de 1911 visa apenas o facultar a leitura de uma obra esgotada, que é indiscutivelmente um texto de capital interesse para um melhor conhecimento das mentalidades de Portugueses e Castelhanos nos primeiros anos de Seiscentos. Sampaio Bruno justificava a sua edição por Tomé Pinheiro da Veiga ter sido «um dos nossos raros antigos que em prosa riu». Outras e várias razões justificam a impressão da obra: o cabedal de informações sobre

a época, os costumes de então, as referências a autores em voga, a descrição de pessoas e de lugares, os comentários judiciosos e com frequência jocosos de comportamentos significativos, as imagens de Espanha e de Portugal, ao tempo jungidos numa monarquia dual, etc.

Trata-se, em princípio, de um relato de viagem de Valhadolide para Lisboa. Mas a narrativa está entretecida com descrições de paisagens e de personagens, com notícias sobre preços e modas, com dados sobre religiosidade e festas, com sátiras e anedotas. Ao longo de todo o reconto da viagem, Tomé Pinheiro da Veiga faz o confronto entre Portugueses e Espanhóis. Dir-se-ia que, opondo Portugueses e Espanhóis a propósito de tudo e de quase nada, o autor de Fastiginia intenta, ao fim e ao cabo, definir a identidade de cada um destes povos.

À «exuberante satisfação do viver social espanhol» opõe Tomé Pinheiro da Veiga, segundo Sampaio Bruno, «o soturno pesadume português». O sentido do humor e a ironia, a finura e a desenvoltura de certos comentários tornam a leitura da Fastiginia um prazer quase inesgotável.

Comece-se por explorar o filão dos confrontos entre Portugal e Espanha. Um primeiro exemplo. Na ocasião em que descreve os festejos havidos em Valhadolide, cita uma partida pregada pelos Castelhanos aos Portugueses. «Não gostei nada», diz o Autor, «de uma invenção com que fizeram sair aos portugueses, de muito gosto para os castelhanos, e foi um tabernáculo que estava no meio da praça, ao qual subiram um mulato e mulata portugueses com adufe e pandeiro e com eles também um doudo da corte, e todos tangiam e bailavam com grande riso dos rapazes, que cuidavam que aquilo é Portugal e, na mesma semana em uma procissão votiva da cidade, entre as demais danças fingiram uma de portugueses com máscaras e pandeiros, com capuzes

e sombreiros muito grandes e com rótulos todos que diziam: . . . pelos Evangelhos, muito fidalgo, muito músico, muito português, muito namorado e quebrar um corno na cabeça a todo o castelão e toda a festa era como portuguesada; de maneira que os entremeses que nós fazemos com os ratinhos, fazem estes velhacos com os portugueses» (p. 43). É evidente que os Castelhanos troçam dos Portugueses, da mesma maneira que nós, Portugueses, ridicularizamos os ratinhos (recordem-se, por exemplo, os ratinhos da Beira, de Gil Vicente).

Do ponto de vista da riqueza da terra é flagrante a comparação, mostrando a diferença entre os dois países: Portugal «só tem quatro palmos de terra, toda monte e pederneira, que parece joieiro Deus Espanha e deixou cá o óleo e deitou lá o cascabulho» (p. 43). Note-se desde já que o «cá» dá ideia de o texto ser redigido em Espanha, o que o «lá» confirma. A comparação que dá imagem da pobreza de Portugal (cascabulho) em contraste com a riqueza de Espanha (óleo) é prolongada no comentário atribuído por Tomé Pinheiro a um embaixador, segundo o qual Portugal «bem parecia terra dada em dote a genro e não a filho» (p. 43).

Nesta linha de confronto, entre a pobreza de Portugal e a abundância de Castela, são frequentes as alusões a tal estado de coisas. Dir-se-ia que o texto da Nau Catrineta: «Já vejo terras de Espanha / Areias de Portugal» é uma síntese de todas as imagens do género óleo/cascabulho, etc.

Numa sátira breve, mas galhofeira e contundente, Tomé Pinheiro da Veiga parece querer retratar (?) certo carácter mesquinho do viver português, em contraste com as larguezas castelhanas. Num entremez, um tal Afonso Fernandes é interpelado desta maneira: «com tuas barbinhas samicas mui tozadas, e amalrotadas, e a tua vinha graduada em quinta, mui cercada de silveiras, por que te não tomem um cacho, e a tua espadinha caran-

guejeira mui refinçada, e a tua mulherzinha mui faminta e com muito más perninhas, emparedada, e a tua filhinha com as suas sapatas mijadas e acalcanhadas, metida em um arquibanco e sem ver sol, nem lua, vendo a Estrela na hora do meio-dia?» (p. 44). Repare-se no manejo irónico do diminutivo; atente-se na ironia daquele «vinha graduada em quinta», ou seja, pequena propriedade por basófia designada como quinta; a avareza aludida na sebe de silveiras para impedir o roubo; e a mulher e a filha, enclausuradas, em contraste com as liberdades das Castelhanas, que sabemos azougadas e prazenteiras — tudo isto como retrato que amesquinha a soberba portuguesa.

A esta se refere, frequentemente, Tomé Pinheiro da Veiga.

Ao situar-nos, geográfica e culturalmente, um outro embaixador teria dito que estávamos, nós, Portugueses, «neste canto culus mundi onde não tínhamos comércio da gente» (p. 43).

Como o Autor aduzisse as «conquistas da Ásia e África feitas pelos Portugueses», a resposta cáustica é a seguinte: «tomòlos Dios [aos Portugueses, entenda-se] como mosquitos contra el Campo de Pharaon, y con sus botas y capa de baeta es tanta su soberbia que preguntava el otro Portuguès si en Italia y Francia habia tambien Fidalgos, como en Portugal» (p. 43).

É constante o contraste estabelecido por Tomé Pinheiro da Veiga entre Espanha e Portugal. Desde as terras aos homens e mulheres, as diferenças são marcadas. A largueza dos caminhos de Castela, por exemplo, é posta em contraste com a estreiteza dos caminhos de Portugal. Assim, ao descrever o caminho para Simancas, Tomé Pinheiro da Veiga diz: «O caminho é muito igual de areia e no principio tem mais de 50 passos de largo que cabem por ele mais de 15 coches emparelhados, e assim são os mais dos caminhos de Castela, porque os principais, a que chamam calçadas, hão-de ter 12 varas de ancho, e as estradas reais seis varas, e outros caminhos quatro, e isto em toda a Castela Nova e Velha,

que diz bem com a fome dos nossos atalhos e silveiras, que é necessário andar de ilharga, e nem o Baupista sei como se poderia atinar a endireitar estes caminhos e carreiras» (p. 63).

A ironia da alusão a S. João Baptista que no deserto exclamava: «Endireitai os caminhos do Senhor», e aqui seria incapaz de endireitar os caminhos de Portugal (tão tortos eles são), e a comparação entre os caminhos de Castela e os nossos atalhos põem de manifesto a grandeza de um país e a pequenez do outro.

As ocasiões não faltam para cotejar os comportamentos de uns e de outros, Castelhanos e Portugueses. Com frequência compara também as mulheres de um e de outro país e de tais comparações se deduz que há certa soltura de costumes entre as Castelhanas e sisudez, acaso excessiva, entre as Portuguesas. Em síntese, declara, a certa altura: «... não quero eu dizer que a compostura, modéstia e recolhimento das mulheres portuguesas não seja o maior bem que Portugal tem, tanto que tudo o que perde na opinião das outras nações pela ignorância dos homens, ganha pela honestidade e virtude das mulheres» (p. 146). E mais adiante rematava assim o seu comentário: «A experiência nos mostra que em Portugal nem tudo o que reluz é ouro, e em Castela nem por não serem cautas deixam muitas vezes de ser castas; e assim nem aprovo em Castela serem Biginas, nem em Portugal cartuxas» (p. 146).

Tomé Pinheiro da Veiga, que descreve a sua viagem de Valhadolide a Lisboa, salpica de historietas curiosas o seu reconto. Há informações de vária espécie neste relato de viagem sui generis: tomamos conhecimento de modas, de fórmulas de tratamento, de preços, de festejos e liturgias, de autores em voga, etc.

Entretanto, como leitmotiv, o contínuo confronto, etc., entre Portugueses e Castelhanos, numa espécie de procura da respectiva identidade nacional.

Entre o louvor da Idade Moderna e dos inventos que fazem a sua grandeza e as descrições de touradas, há retratos de princesas reais (infanta D. Ana Maurícia, p. 39), da rainha, que é alemã (p. 89), dos Ingleses e dos seus comportamentos, etc. Dir-se-ia, porém, que avulta na Fastiginia o cotejo entre os modos de ser e de agir de Portugueses e Castelhanos, resultando de tal uma espécie de antropologia cultural dos dois povos. A mulher portuguesa é mais recatada que a castelhana e só na aparência menos engenhosa (pp. 152-153). Do confronto entre os comportamentos de ambas resulta que é flagrante ser a castelhana mais viva no diálogo, mais solta nos costumes, etc. No concernente aos homens, diz-se dos Portugueses que «são tão fidalgos, que não tiram o chapéu da sua cabeça senão à cruz e ainda lhe fazem muita mercê» (p. 248). A soberba do fidalgo português é exemplarmente descrita através de um diálogo em que um castelhano pergunta a um criado: «Que caballero es este?» Respondeu o criado: «Oh Castelão, falai bem, não é cavalheiro, que senhor es este? Não es senhor, que hombre es?» Respondeu: «Não é homem, que é português fidalgo, parente do Rei de Portugal, que traz as suas mesmas armas e as de N. Sr. Jesus Cristo no seu braço» (p. 248).

Para tentar definir o carácter português, Tomé Pinheiro da Veiga faz menção da sua inclinação para a tristeza (cf. «Como eu andava neste tempo receando a quaresma da melancolia de Portugal», p. 140). E, servindo-se de imagens contrastantes, fala do Português como noitibó triste: «há da melancolia e nublado português à boa sombra e alegria castelhana [grande diferença]: uns noitibós tristes e outros pintasilgos alegres; uns monas peadas, outros arditos contentes» (p. 178). Em frases lapidares enunciam-se os contrastes. Assim, por exemplo, esta: «Acã em Castilla comemos e bevimos como picaros; allã en Portugal llo-rase e muerese como caballeros» (p. 178). Repare-se no «acã» e

no «allã», que parecem confirmar ter sido o texto escrito em Castela. Ou ainda: «Andam os Portugueses à caça de uma melancolia e sonham os Castelhanos de noite como poderão levar um bom dia» (p. 179).

O viver acima das suas posses, que Eduardo Lourenço considera no Labirinto da Saudade uma das coordenadas do viver português, é assinalado também por Tomé Pinheiro da Veiga (cf. a p. 175, por exemplo, o que diz sobre a ostentação dos Portugueses).

Em contrapartida, assinala-se a firmeza de convicção dos Portugueses, em confronto com o laxismo dos Castelhanos (cf. p. 249). São numerosas as histórias e historietas em que se revelam as inimizades, as quezílias e os confrontos entre Portugueses e Castelhanos. Os Castelhanos contam histórias de Portugueses, como os Portugueses contam de Galegos (cf. p. 252).

Uma galeria de fidalgos portugueses descritos através de expedientes ou de certas características (cf. pp. 265-268) leva à seguinte conclusão: «E, em geral, somos tidos e havidos em Castela por loucos e soberbos, sem lastro nem fundamento» (p. 266). Mas a compensação vem a seguir: «Não deixarei de dizer que o que perde Portugal na opinião pelos homens, ganha pela fama das mulheres, que são tidas pelo exemplo da honestidade, recolhimento e modestia, e que nisto nenhuma nação se lhe iguala» (p. 268).

A língua portuguesa na boca das mulheres é mais agradável que a língua castelhana na das castelhanas porque «sua fala [a das portuguesas] dizem que tem mais brandura e meiguice que a castelhana e folgam muito de as ouvir falar» (p. 268).

E acrescenta: «O que eu tenho averiguado é que escrevem ordinariamente melhor as Portuguesas que as Castelhanas» (p. 268).

No remate da viagem (tenha-se presente que se trata, como já disse, do relato de uma viagem de Valhadolide para Lisboa), o Autor alude ironicamente a Portugal: «Em descobrindo o Portugalete, se nos mostrou com uma cara de vilãozinho, encarquilhada, muito treso, tudo penedos escabrosos e montes, sem nenhuma lhaneza, muita silveira e a terra partida aos palmos com suas paredinhas, como quem diz: isto é meu, não é teu, não me furtas as minhas uvas. Enfim, de longe parecem marinhas, tudo tão diferente da largueza dos animos de Castela [...]» (p. 317). No entanto, apesar da estreiteza da terra e de certa mesquinhez de alguma das suas gentes, o regresso à pátria é saudado com considerações mais ou menos filosóficas: «Cheguei, finalmente, a beijar a doce terra de minha amada pátria, livre do cativo de tanta liberdade, representando-se-me aos olhos com tão fermosa vista que conheci que nos deu a natureza amor e inclinação à própria terra, donde recebemos o ser e o mantimento, que se foi convertendo nestes corpos e os de nossos passados nela. Por isso o amor da pátria é como o amor-próprio e natural, pois queremos ao que fomos e havemos de ser» (p. 317).

Quase no final da obra, Tomé Pinheiro da Veiga faz uma confissão muito curiosa: «He tão natural este vício em nós que até a mim me obriga a queixar-me e dizer mal dos meus naturaes, como Português» (p. 359). Uma certa maledicência, um quase menosprezo, excessivo, pelas nossas coisas será, segundo Tomé Pinheiro da Veiga, vício português. Queixar-se e dizer mal dos naturais do País é coisa corrente entre nós. Nas tentativas de caracterização do Português, é raro que não se aluda a este vício, compensado, de certa maneira, por frequentes encarecimentos e bazófiás, também tipicamente portuguesas. Ilustração destes extremos poderá ser talvez a caracterização implícita no juízo do P.^o António Vieira, que nos chamou «cafres da Europa», e,

simultaneamente, nos destinou a «senhores do Quinto Império». Nesta perspectiva de «vício português» se terão de ler as queixas, as sátiras e as ironias de Tomé Pinheiro da Veiga? As suas lamentações, do gênero: «E por estas e outras taes, somos opróbio das gentes e desprezo dos Castelhanos», hão-de interpretar-se à luz daquele vício português? As sondagens que se prosseguissem, neste âmbito da caracterização do homem português, provariam a riqueza do texto de Tomé Pinheiro da Veiga no respeitante à enunciação dos elementos fundamentais dos nossos comportamentos.

A obra divide-se em três partes. Na primeira (pp. 29-175) descrevem-se as cerimónias da Semana Santa de 1605 em Valhadolide e o nascimento do príncipe D. Filipe e as festas então celebradas. Dá o Autor uma lista dos «Mosteiros, Paróquias e Hospitais que em si tem Valhadolid» (pp. 26-28). O baptismo do príncipe e, depois, o acolhimento da embaixada de Inglaterra ocupam largamente o Autor da Fastiginia nesta primeira parte da obra.

Assinalem-se apenas alguns comentários ou episódios, insertos nesta primeira parte. A propósito da pregação dos Castelhanos diz que «pregam como comediantes» (p. 25). E quando faz menção de uma procissão realizada na manhã do dia do baptismo do príncipe, escreve, irónico: «O que mais folguei de ver foi o acudirem os principais ingleses todos à procissão» (p. 75). Os ingleses eram protestantes e Tomé Pinheiro da Veiga ocupou-se demoradamente com estes «hereges». A lista, longa (pp. 91-94), de príncipes e embaixadores, duques, marqueses, condes e outros senhores eclesiásticos presentes nas festas não é completa, pois segundo Tomé Pinheiro da Veiga declara: «[...] somente ponho os que vi e me mostraram» (p. 91). A segunda parte trata, segundo o título, «Da Pratica do Prado e Baratilho Quotidiano» (pp. 177-323). Depois de o rei e a rainha terem partido para Burgos, Valhadolide ficou deserto; no dizer de Tomé Pinheiro da

Veiga, «ficou a Corte campo» (p. 177). E para desfastio e lembrança de tempos de «trato das damas, sua conversação e desenvolturas», propõe-se escrever umas «relações», que, ironizando, caracteriza e define. Cita, jocoso, o Itinerário do padre Francisco Pantalhão e alude a Fernão Mendes Pinto (p. 178), o que põe um problema de cronologia quanto à factura da Fastiginia. Aliás, em outros passos, as datas obrigam a pensar que a obra foi escrita ao longo de alguns anos: 1607-1609 (p. 52) e 1620 (p. 53), citadas a propósito de inventos a que alude. Os manuscritos que a Biblioteca Municipal do Porto conserva não trazem estas indicações de datas.

«Manadas de homens e mulheres contando, tangendo e bailando» (p. 179) alegam o mais formoso passeio que tem Valhadolide — e tudo descreve com gosto Tomé Pinheiro da Veiga: foguetes, touros de corda, despiques, folguedos — tudo contado com muito espírito e colorido. Cenas da vida quotidiana comentadas com graça, festas dos santos populares (S. João, S. Pedro), alusões ao Quixote (o que é novidade de assinalar), histórias pícaras ou apimentadas de «picardiar» (p. 215), louvores da cozinha portuguesa (p. 218), superstições (a do n.º 13 — cf. p. 219), provérbios, entremezes, justiças e seus modos, histórias de portugueses e mofas sobre os seus comportamentos e modos de ser, encontros freiráticos, negócios no paço, paralelos entre portugueses e castelhanos (p. 263), paródias, etc., de tudo encontramos nestas páginas da segunda parte da Fastiginia. Até se encontra um largo discurso filosófico-irónico sobre a mulher, o amor, onde se esboça, à guisa de tratado, uma espécie de teorização do amor freirático (cf. por exemplo, pp. 287 e seguintes).

O tom jocoso de muitos passos, a consciência de criticar certos gêneros literários, designadamente o das novelas de cavalaria, fazem da Fastiginia um curioso texto, com um estilo descoberto e oral, muito saboroso.

Fixe-se, a propósito, que em alguns manuscritos (e é o caso do que Sampaio Bruno seguiu) a portada remata com a palavra «civalaria». Tratar-se-ia de um livro de civalaria (de cives), por oposição a cavalaria?

Nesta segunda parte temos o itinerário da viagem, desde a partida a 26 de Julho — Medina del Campo, Salamanca, onde esteve dois dias (cf. p. 316), Ciudad Rodrigo — até descobrir aquele Portugalete que descreve com cara de vilãozinho, etc. (p. 316).

A terceira parte, intitulada de «Pincigrafia ou Descrição e história natural e moral de Valhadolid» (pp. 325-363), é o retrato de Valhadolide com pormenorizadas e variadas informações. Ainda aqui se faz, de vez em quando, o confronto de Portugueses com Castelhanos. Assim, por exemplo, nenhum castelhano nobre jura, só soldados e pícaros o fazem, o que entre nós não acontece (p. 349). A graça, o espírito com que conta, até aqui se insinuam e novamente surge o contraste entre Portugueses e Castelhanos, causticamente estabelecido (e ler o que diz do conceito de honra em Portugal e em Castela — cf. p. 357). Esta terceira parte foi, como atrás se refere, publicada em 1884 na Revista de España por Gayangos. Posteriormente, Narciso Alonso Cortés, em 1916, publicou-a em tradução do português. Em 1959, o tomo II de Viajes de extranjeros por España y Portugal, siglo XVII, da responsabilidade de J. Garcia Mercadal, cita Tomé Pinheiro da Veiga, como autor de Fastígia (sic), cujo manuscrito, segundo diz, se encontra no Museu Britânico (p. 14). No mesmo volume (pp. 127-155) edita-se a «Pincigraphia o descripción e historia natural y moral de Valhadolid». O texto é precedido de uma biografia, breve, do Autor, que é nomeado como Bartolomé Pinheiro da Veiga e caracterizado como «una de aquellas inteligentes alborotadas más de la cuenta por la lectura de los libros de caballarias». Confesso que tal juízo se me não afigura ade-

quado, pois, ao contrário do que Mercadal insinua, Tomé Pinheiro da Veiga parece implicitamente satirizar e não venerar sem restrições os livros de cavalaria.

O que resulta indiscutível para o leitor da obra é a sua riqueza, que já foi em 1956 objecto de uma abordagem por Annick Emieux num ensaio apresentado à Universidade de Paris como «Mémoire pour le Diplôme d'Etudes Supérieures».

Insisto na valorização do cabedal de informações, de alusões, de citações, disseminadas nas páginas da Fastigímia. Confrontá-lo com, por exemplo, o do Memorial de Pero Roiz Soares, ou de outros textos seiscentistas, de autores portugueses ou estrangeiros, contribuiria para um melhor conhecimento da época. Só a título de curiosidade citem-se alguns dos autores que Tomé Pinheiro da Veiga incorpora no seu texto: Camões (o lírico, p. 271), Tomás Moro (p. 103), Castiglione e Garcilaso (p. 265), Bernardim Ribeiro (p. 266), Sá de Miranda (p. 11), Cervantes (p. 119).

Volto a reconhecer, conforme já o dei a entender no começo deste desataviado prefácio, que urge preparar uma edição crítica da Fastigímia. Se o manuscrito de Paris é talvez um dos mais limpos e mais fidedignos, há que cotejá-lo com os numerosos manuscritos existentes em Portugal e algures. E do cotejo das variantes resultará, seguramente, um texto mais apurado do que aquele que agora se reedita. Entretanto, para recreio dos leitores, esta prosa, de um autor que ri com gosto, talvez nos compense da excessiva gravidade e da pesada sisudez da prosa portuguesa de Seiscentos.

MARIA DE LURDES BELCHIOR

INDICE

	PAG.
Preambulo	v
Proemio de Guevara	5
Dedicatoria	9
Protesto do Author	17
Preludio das solenidades que precederam á Semana Sancta (1605)	19
Philipstrea	29
Nascimento do Principe	29
24 de Abril	39
28 de Abril.—Encamizada	40
20 de Abril	44
24 de Abril	45
28 de Abril	48
1 de Maio	48
4 e 8 de Maio	56
10 de Maio	57
15 de Mayo.—Morte do Embaixador de Persia	57
20 de Mayo.—Riquezas, sinais de pessoa, que tem o Duque de Lerma, com outras muitas circumstancias pertencentes a elle	59
25 de Mayo.—Preparação para o embaixador de Inglaterra	60
Entrada do Cardeal Arcebispo que vem para baptizar o Principe	61
26 de Maio.—A Recamara do Almirante e Embaixador de Inglaterra e bagage	62
27 de Mayo.—Vizita que fêz o Duque de Lerma ao Embaixador	67
28 de Mayo.—Beja-mão do Embaixador a El-Rei e á Rainha	69
Trata-se dos criados que El-Rey tem e das librés com que sahiram	72
Bauptismo do Principe	74
30 de Mayo	84
31 de Mayo	87
Romaria que fêz a Raynha a N. Snr. ^a de Lorente hindo-lhe offerecer o Principe	87
1 e 2 de Junho	91
2 e 3 de Junho	99

	Pag.
4 de Junho	101
5 de Junho.—Dia em que a Raynha comeo em publico	103
6 de Junho	106
7 de Junho.—Banquete que Deo o Duque	109
8 de Junho	113
9 de Junho.—Procição de Corpus Christi.	113
10 de Junho.—Festa de canas e touros pelo nascimento do Principe	117
11 de Junho.—Mostra que se fês da guarda e ordenança de Castella a Velha	128
12 de Junho	138
13 de Junho	140
14 de Junho	149
15 de Junho	149
16 de Junho	151
Sarão	153
17 de Junho	160
18 de Junho	162
19 de Junho	163
21 de Junho	166
22 de Junho	168
23 de Junho	173
Segunda parte que tracta da Pratica do Prado e Baratilho	
Quotidiano.	177
24 de Junho, dia de S. João.	179
25 de Junho	186
26 de Junho	193
27 de Junho	195
28 de Junho	202
30 de Junho	207
1 de Julho	211
3 de Julho	213
6 de Julho.—Festa de touros que se fizeram a S. João	216
7 de Julho	220
10 de Julho	224

	Pag.
11 e 12 de Julho	229
13 de Julho	234
14 de Julho	240
26 de Julho	245
18 de Julho	252
19 de Julho	259
20 de Julho	263
21 de Julho	268
22 de Julho	295
24 de Julho	301
Partida do A. para Lisboa	311
26 de Julho	311
Epilogo.	321
Pincigraphia ou Descripção e historia natural e moral de Valhadolid.—Têrceira parte	325
Peroratio	361



Acabou de imprimir-se
em Novembro de dois mil e nove.

Edição n.º 1016651

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br